

BC: First of all, thank you for your time day. My name is Bernardo Correia and I am extremely pleased to have the opportunity to interview you. I love music and play guitar at a fairly high level, which has put me on stage with Pedro Abrunhosa and various jazz ensembles. With me today are Guilherme, Bernardo, Beatriz and Mariana. To start we wanted to ask how you feel about technology. Obviously, technology has changed how music is made and marketed. Do you feel the pros of technology outweigh the cons or vice versa?

BC: Primeiro que tudo, obrigado pelo seu tempo hoje. O meu nome é Bernardo Correia e estou extremamente honrado por ter a oportunidade de lhe entrevistar. Pessoalmente, adoro música e toco guitarra a um nível que já me permitiu partilhar o palco com o Pedro Abrunhosa e algumas Big Bands. Hoje, comigo está o Guilherme, o Bernardo, a Beatriz e a Mariana.

Para começar, gostaríamos de lhe perguntar como se sente em relação à tecnologia. Evidentemente, a tecnologia mudou a forma como a música é feita e divulgada. Acha que os prós da tecnologia superam os contras ou vice-versa?

AR: Well, I think definitely having technology is an advantage. I remember the days when we only had CD players and tape players and we didn't have the Internet or cellphones, when we had access to call someone or do what we are doing now, which is to be able to use Skype to do video-to-video calls. Back in the day, either you had to call someone for everything, or you couldn't connect with them. We definitely could not do video from across the world. That was something we never heard of... that was pretty much unheard of for me and then with technology just in terms of the way we are able to sell music recordings and video now as opposed to the way we were able to do it then. There are some huge advantages, but there are also some disadvantages.

AR: Bem, penso que a tecnologia é, sem dúvida, uma vantagem. Lembro-me dos dias em que apenas tínhamos leitores de CDs e cassetes, ao invés da Internet e dos telemóveis. Atualmente, temos a possibilidade de usar o Skype para fazer videochamadas.

Antigamente, ou tinhas de ligar a alguém para tudo e mais alguma coisa ou não podias falar com ninguém. De facto, não podíamos fazer videochamadas mundialmente, pois isso foi algo que nunca ouvimos falar. Depois, a maneira como vendemos álbuns e vídeos é complementemente

diferente quando comparada com os dias de outrora, graças à tecnologia. Concluindo, há algumas vantagens muito positivas, mas também há desvantagens.

BC: Do you find it a challenge to attract younger generations to jazz music? If you could pick one jazz song to win over a new fan, especially a younger one, which song would you pick?

BC: Vê como um desafio atrair gerações mais novas ao jazz? Se pudesse escolher uma música jazz a fim de conquistar um novo fã, especialmente um mais jovem, qual seria?

AR: That's a very interesting question. I actually in a lot of ways feel like there are more young musicians interested in jazz than there were when I was coming up. I went to Berkeley College of Music. That's where I went to school... to college, but when I travel the country and I just played at the JEN, the Jazz Educators Network Conference in New Orleans, last month. Chucho Valdez was our special guest and Branford Marsalis also performed with us, but there were a lot of music students there attending that conference and also around the country there is a few hundred thousand kids enrolled in jazz programs across the country, so I really feel like as time goes on that there's actually more interest from younger people in playing instruments and joining jazz programs.

AR: Essa é uma pergunta muito interessante. De facto, penso que, atualmente, há mais músicos jovens interessados em jazz do que quando eu comecei a carreira. Ingressei na Berklee College of Music e foi aí que tirei o curso. Contudo, quando viajo pelo país e no mês passado e toquei na JEN, a “Jazz Educators Network Conference” em Nova Orleães, onde o Chuchu Valdez foi o nosso convidado especial e o Branford Marsalis tocou connosco, havia imensos estudantes de música que compareceram na conferência.

Por outro lado, há algumas centenas de milhares de jovens que estão a participar em programas de jazz em todo o país. Desta forma, julgo que com o passar do tempo tem havido, sem dúvida, um maior interesse por parte dos jovens em tocar instrumentos e participar em programas de jazz.

BC: I am a huge Miles Davis fan and have to ask you if his legacy is still strongly felt. I especially appreciate his fusion era. Do you respect that style of jazz? What is its place in the world of jazz right now?

Sou um enorme fã de Miles Davis e tenho de lhe perguntar se o seu legado é, ainda, relevante nos dias de hoje. Aprecio especialmente a sua era fusion. Respeita esse tipo de jazz? Atualmente, qual é o seu lugar no mundo do jazz?

AR: In terms of Miles Davis's music. Well, Miles Davis was influential on me. When I was first learning about Miles Davis's recordings... Kind of Blue would be the record that had a lot of influence on me.

(BC shows AR a variety of Miles Davis CDs)

Oh yeah, you're doing it right. To go back and just touch on your previous question as it pertains to a jazz song... if I wanted someone to be interested in a jazz song, it is very hard to pick one, but for me, from the Kind of Blue record I would say it would be "All Blues". It would be the song that really brought me in and then later on with Miles's Quintet with Herbie Hancock and George Coleman Four & More recorded live in 1964 that record was very influential, but Miles's music spanned over decades, even while he was alive he played throughout the fifties, sixties, seventies, eighties and nineties until the point he passed on in the early nineties. So, his music influences everything that we were doing in the jazz world, but also outside the jazz world. I mean you wouldn't have artists like Marcus Miller or Kenny Garrett or Nicolas Payton or Wynton Marsalis. If it wasn't for Miles Davis and the influence his music had. He's definitely influential in today's music. I don't think you could ever change that. He documented just too much music and influenced what we do to a great level.

Bem, o Miles Davis influenciou-me bastante. Quando comecei a ouvir pela primeira vez os álbuns do Miles, "Kind Of Blue" sempre foi o que me inspirou mais.

(BC mostra a AR uma série de CDs e vinis de Miles Davis)

Sim, estás a seguir o bom caminho. Voltando agora atrás para responder à tua questão em relação a uma música de jazz... Embora seja difícil de escolher, se eu quisesse que alguém se interessasse em jazz, escolheria "All Blues" do álbum "Kind of Blue". Foi a música que me cativou desde

logo, seguindo-se o álbum “Four & More” gravado em 1964, do Miles Quintet, com o Herbie Hancock e o George Coleman. A aura inspiradora de Miles estendeu-se por várias décadas, passando pelas décadas de 50, 60, 70 e 80, até ter falecido no início da década de 90. Desta forma, a sua música não só inspirou tudo aquilo no que toca ao mundo de jazz, mas também fora dele. Isto é, não teríamos músicos como Marcus Miller, Kenny Garrett, Nicolas Payton ou até mesmo Wynton Marsalis. Nos dias de hoje, a música de Miles Davis é definitivamente relevante. Acho que isso é indubitável. Afinal, o Miles documentou imensa música e influenciou em muito aquilo que fazemos.

BC: I have read that interest in jazz is stronger in foreign countries than it is in the USA. Is that accurate and, if so, how much does that concern or sadden you? Do jazz musicians need an international presence to make a living nowadays?

Li que o interesse no jazz é mais preponderante em países estrangeiros do que propriamente nos EUA. Essa afirmação é precisa e, se sim, o quão preocupado ou triste isso o deixa? Atualmente, os músicos de jazz necessitam de assumir uma presença internacional a fim de ganhar a vida?

AR: There are a whole of theories and opinions. There's a strong interest internationally for jazz artists and a lot of venues. I come over to Europe all the time. I was there this past summer. I went with the New Orleans Jazz Orchestra. I was there the year before with Kurt Elling on maybe three tours. the year before that... Dee Dee Bridgewater on three tours. It was a lot of work there. There are a lot of jazz festivals; a lot of places where we can play the music in a traditional sense. I just think there are a lot more places for jazz musicians to perform in the European market. There are a lot of venues here in the United States, but I think you guys have us beat when it comes to venues for jazz musicians to be able to perform in Europe. I definitely think it's an important market for U.S. groups to be able to tap into. It's important for us to be able to go and have a presence in Europe. Obviously, the marketplace is big in Europe, so it's good for us. But it's a double-edged sword, you know. I think we really have to be able to do well at home first and then I think we can do well in Europe, but right now if a musician has a tough time breaking into the market I think with them having success in Europe first, then they can come over to the U.S. and do well.

Relativamente a esse tema, há uma grande variedade de teorias e opiniões. Há um grande interesse em artistas jazz internacionalmente, assim como muitos palcos. Venho à Europa sempre que posso. Estive aí o verão passado com a New Orleans Jazz Orchestra. Há dois anos, estive aí também, desta vez com o Kurt Elling, em talvez três digressões. Há três anos, também tive três digressões, desta vez com a Dee Dee Bridgewater. Trabalhei muito aí.

Na Europa, há muitos festivais de jazz, bem como imensos sítios onde podemos tocar música de uma forma convencional. De facto, penso que há muitos mais locais para concertos de jazz no mercado europeu. Aqui nos Estados Unidos há bastantes palcos para músicos jazz, mas julgo que vocês nos ganharam no que toca a eles. Penso, sem qualquer sombra de dúvida, que é um mercado importante para grupos americanos se integrarem. Aliás, é importante para nós termos a capacidade de ir aí, a fim de marcar presença. Obviamente, o mercado é grande na Europa, então é bom para nós. Contudo, é uma espada de dois gumes. Primeiro, é fulcral termos sucesso em casa e, depois, talvez consigamos alcançar o mesmo na Europa, mas se um músico apresentar dificuldades a singrar no mercado, então o melhor é tentar a sorte na Europa. Posteriormente, podem vir para os Estados Unidos e ter o sucesso que tanto ambicionam.

BC: Why is it that jazz seems to be somewhat popular in commercials and on soundtracks, but has little mainstream support on radio and in other venues? I apologize if this observation is incorrect, but it's just how I feel as a consumer of entertainment.

Porque é que o jazz parece ser relativamente popular em publicidades e trilhas sonoras, mas tem pouco apoio das massas na rádio e em outros palcos? Peço desculpa se esta observação estiver incorreta, mas isto é o que sinto como um consumidor de entretenimento.

AR: No, I think the observation is dead on. I think you have that right. Back when jazz was in its early days, it was really supposed to be dance music and it was dance music. Jazz was created in New Orleans in dance clubs but when you have the rise of artists like Louis Armstrong; it becomes more formal and people went to see jazz in tuxedos and suits sitting down in an opera theater. At that time jazz was played on the radio and sold millions of copies and it was the popular music of its day, but because all of American music came out of jazz... you have

rock and roll that came along, you had the blues, rock and roll and reggae, then you had R&B, country music and then rap and then everything we know to be American music today. So with all those other genres becoming really popular music and with electronic equipment like electric basses and Fender Rhodes and keyboards... jazz moved into a phase where it became more instrumental and a lot of instrumentalists came up and it balanced out with vocalists and instrumentalists, but I think for a while there instrumentalists became really popular... guys like John Coltrane, Theolonious Monk and Miles Davis and Ornette Coleman. They started to sell a whole lot of records and became popular. With that transition in jazz with instrumentalists, it gave other genres and music the chance to slide in with a lot of singers and vocalists and become really popular. So yes, jazz is not played on mainstream radio almost at all unless it's some vocalists who makes some kind of track that's a little funky and people really want to play it. I mean Gregory Porter has had some success lately doing some duo songs with Layla Hathaway and they've been playing that on mainstream radio. But yes, jazz is not that popular on mainstream radio and a lot of jazz radio is non-profit or non-profit organizations or done at universities or basically online with jazz stations.

Não, julgo que essa observação está absolutamente correta. Nos primórdios do jazz, esse estilo era suposto ser música de dança e era, de facto, música de dança. O Jazz foi criado em Nova Orleães em clubes de dança, mas quando tens a ascensão de artistas como Louis Armstrong, este torna-se mais formal e as pessoas começam a ir ver concertos de jazz de smoking ou fato, em salas de espetáculo. Durante esse período de tempo, o jazz tocava na rádio e vendia milhões de cópias, tornando-se a música popular da época... mas porque toda a música americana veio do jazz, surgiu, entretanto, o Rock and Roll, o Blues e o reggae. Posteriormente, apareceu o R&B, o country, o rap e depois tudo o resto que constituí aquilo que conhecemos como a música americana dos dias de hoje. Por conseguinte, após a popularização desses géneros musicais, assim como a utilização de equipamentos eletrónicos como baixos elétricos, Fender Rhodes e teclados, o jazz passou a uma fase fortemente instrumental onde os próprios músicos igualavam o papel do vocalista... artistas como John Coltrane, Theolonious Monk, Miles Davis e Ornette Coleman representam o expoente máximo desta nova corrente. Esta nova onda de artistas começou a vender imensos álbuns e tornou-se popular. Através desta nova transição do jazz para os instrumentalistas, este fenómeno possibilitou a outros géneros de música a possibilidade de

entrarem com cantores e vocalistas, tornando-se bastante populares. Então sim, o jazz não é praticamente tocado nas rádios populares a menos que sejam vocalistas que façam uma música que seja mais mexida e que as pessoas queiram muito ouvir. Isto é, o Gregory Porter tem tido algum sucesso ultimamente ao fazer duetos com Layla Hathaway, pelo que até aparecem em rádios populares. Contudo, o jazz já não é popular nas rádios como antes. Aliás, grande parte da música jazz é tocada em rádios ou organizações sem fins lucrativos, assim como em universidades ou, basicamente, online em estações jazz.

BC: The next two questions focus on jazz in more of a social context. If these questions are not your cup of tea, please do not feel obliged to respond. In Portugal, we study racism and how to combat it and the USA tends to be used as an example of a country with lots of racial tension. The following questions are with this in mind.

As duas questões seguintes focam-se mais num contexto social em relação ao jazz. Se estas questões não forem do seu agrado, por favor não se sinta obrigado em as responder. Em Portugal, estudamos o racismo e as formas de o combater, pelo que os EUA tendem a ser o exemplo de um país com imensas tensões raciais. As questões seguintes têm este conceito em mente.

Black Americans have many accomplishments that they can be extremely proud of and jazz music is one of them. Do you feel young blacks are properly exposed to jazz music and understand its importance in black history in the USA? Is jazz considered to be cool by young blacks? How do jazz musicians and enthusiasts view hip-hop music? I am asking because when music listeners think of modern talented black musicians, many times they think of rap artists and not of jazz performers or other kinds of musicians.

Os negros americanos têm muitas conquistas das quais podem ficar extremamente orgulhosos e o jazz é uma delas. Pensa que os jovens negros são expostos de forma adequada à música jazz e percebem a sua importância na história da cultura negra nos EUA? O jazz é considerado interessante pelos jovens negros? Como é que os músicos de jazz e os entusiastas veem a música hip-hop? Estou a colocar estas questões porque quando os consumidores de música pensam em

jovens negros talentosos nos dias de hoje, muitas vezes pensam em artistas de rap e não em músicos jazz ou qualquer outro tipo de músicos.

AR: Well yes, I mean that is a very good question, but I feel like that there have been so many changes here in the United States over the decades. A lot of that has to do with how people have access to music, just like access to technology. I remember having conversations with Bill Jackson and Hank Jones and people like this about their experiences in the music when they had to play it where racism was a whole lot worse. You know, when Miles Davis was around playing, I mean he was even beaten by the police at one point, so decades ago in the 1950s ... the early 1900s up to the 1970s, you know even passing through the Civil Rights Movement, things were really hard on black musicians and on black people in general. It was hard for us because we couldn't even use the same restroom as a white person in America during that time. There are not a lot of young black people that listen to jazz at the present time, but I think it has a lot to do with other influences. Those other genres of music became popular. They were music for young people. That's how it was promoted. The record companies have a lot to do with that. They are always trying to find ways to categorize the music, so they can market the music to a certain demographic, so when Miles Davis was recording and "Kind of Blue" came out and that recording was popular... we also had the Beatles.

You had people like Chuck Berry. Chuck Berry was one of the first people that really was out in the forefront and made rock and roll something that young people liked, so then the record companies followed suit with that. They took Chuck Berry and used him to market to an young demographic so they just kept going; Chuck Berry, then they had Elvis and had all those groups and it just got bigger and bigger and bigger and it took the music away from young people. The music was already being taken away from young black people in the black community. Record companies wanted to have just as much success with young white teens as they wanted to have with black teens, so they started to market and do the same thing with young black artists so you had people like Smokey Robinson, Aretha Franklin was out there doing her thing and the whole black R&B movement was part of it too, but you know we have less young black people listening to jazz music and for the young black artists that are out here today performing it, we do have opportunities and we're making things happen. I just think the scale of which it is happening is different and then you have people like Robert Glasper who is doing a lot of

collaborations with other people. He collaborates with rappers and a lot of R&B singers and things like that. I mean, with the New Orleans Jazz Orchestra, we do the same thing. We had _____ come in, _____. We brought in a whole lot of special guests that do things with us also.

Bem, essa é uma ótima pergunta. Sinto que, ao longo das décadas, houve imensas mudanças aqui nos Estados Unidos. Essas mudanças devem-se maioritariamente à forma como as pessoas têm acesso à música, assim como à tecnologia. Lembro-me de conversar com o Bill Jackson e o Hank Jackson, assim como tantos outros artistas, sobre as suas experiências na música quando o racismo era muito pior. Ou seja, quando o Miles Davis estava a tocar por aí, ele até chegou a ser agredido pela polícia a certo ponto, por volta das décadas de 60. Desde os inícios do século XX até aos anos 70, mesmo após o Movimento dos Direitos Civis, a vida não era fácil para os músicos negros e a população negra, de forma geral. Foram tempos difíceis, pois nem podíamos usar a mesma casa de banho do que uma pessoa branca na América.

De facto, já não há muitos jovens negros que ouvem jazz atualmente, mas julgo que isso deve-se a outras influências. Isto é, outros géneros musicais tornaram-se populares. “Era música para os mais novos”: foi assim que foi promovida, pelo que as companhias discográficas estão estritamente relacionadas com isso. Estão sempre a tentar arranjar formas de categorizar música, a fim de divulgá-la a um certo grupo demográfico. Desta forma, quando o Miles Davis lançou o “Kind of Blue” e se tornou popular... nós também tínhamos os Beatles.

Entretanto, surgiram artistas como o Chuck Berry. O Chuck foi das primeiras pessoas que esteve realmente na vanguarda e fez do Rock and Roll algo apelativo para os mais jovens, então as companhias discográficas começaram a seguir o seu trabalho. Pegaram no Chuck Berry e usaram-no para lucrar com uma demografia mais jovem; e assim continuou a ser. Depois do Chuck, houve o Elvis e todos os outros grupos, tornando o negócio cada vez maior e maior, até ao ponto de retirarem a música em si dos mais jovens. Aliás, a música já estava a ser retirada dos mais jovens na comunidade negra. Desta forma, as companhias discográficas passaram a querer ter tanto sucesso com os jovens brancos como os jovens negros, então começaram a lucrar e a fazer o mesmo com jovens artistas negros, como foi o caso do Smokey Robinson, assim como a Aretha Franklin e todo o movimento R&B da época. Contudo, o que é facto é que há cada vez

menos adolescentes negros a ouvirem música jazz. Por outro lado, para os jovens artistas negros a tocarem por aí, existem, de facto, oportunidades e estamos a fazer com que as coisas aconteçam. Apenas penso que a escala com que os acontecimentos estão a acontecer é diferente. Depois, tens artistas como o Robert Glasper que tem feito imensas colaborações com outros músicos, nomeadamente rappers e vocalistas R&B. Aliás, fazemos exatamente a mesma coisa com a New Orleans Jazz Orchestra. Convidámos artistas como _____, _____. Também trazemos imensos convidados especiais que tocam connosco.

BC I feel that sports, music and entertainment have frequently been viewed as ways to unify people of different beliefs. It seems that in recent years in America that this unifying factor has been lost, especially in the world of sports where political views seem to enter the arenas and stadiums there. Do you consider music as a unifying force in society? Is that too heavy of an expectation to put on music and musicians? Outside of entertaining listeners, what do you consider music's biggest mission to be?

Penso que os desportos, a música e o entretenimento têm sido vistos, frequentemente, como formas de unir pessoas de diferentes culturas e crenças. Este conceito unificador, aparentemente, perdeu-se na América nos últimos anos, especialmente no mundo dos desportos onde a visão política parece integrar os estádios, corrompendo-os. Considera a música como uma força unificadora na sociedade? E, se sim, será essa uma expectativa demasiado grande para colocar na música e nos músicos? Para além de entreter os ouvintes, qual considera a missão mais importante da música?

AR: When it comes to jazz music, musicians have always been a part of the Civil Rights Movement and always created music for social justice and to deal with issues... social issues. So, for us as jazz musicians, that has always been the case. John Coltrane wrote songs about when the four little girls were burned in Alabama. We've always dealt with social issues and racial issues within our music, so jazz musicians have always done that, so for us that has always had a place in our social system in the way we communicate to others. Music has always been able to deal with very tough issues without having to use your voice to do it, so it makes it

something that's easily translatable and something that's not as abrasive to people when they're trying to receive a message.

Quando estamos a falar de jazz, os músicos sempre fizeram parte do Movimento dos Direitos Civis e criavam as músicas como uma forma de lidar com os problemas da sociedade, sob uma forte carga social. Este foi, desde sempre, o nosso paradigma enquanto músicos jazz. O John Coltrane, por exemplo, compôs canções na altura em que quatro raparigas (crianças) foram queimadas no Alabama. Desde o início, temos sempre lidado com problemas sociais e raciais através da nossa música, então para nós, músicos jazz, a música sempre teve um espaço especial no nosso sistema social, a fim de comunicarmos uns com os outros. A música tem, desde que há memória, conseguido lidar com assuntos muito delicados sem ser necessário usar a nossa voz, por isso é algo que pode ser facilmente traduzido e que não é abrasivo para as pessoas quando estão a tentar receber uma mensagem.

BC: What led you into jazz? At what age did you know you'd make a living with it?

O que lhe levou ao jazz? Em que idade se apercebeu que podia viver somente dele?

AR: Well, I come from a family of musicians. My father is a drummer; he plays drums. My grandfather was a drummer. My uncle is a bassist, so I started playing drums at about four years old and I went to this very famous music high school here called the New Orleans Center for Creative Arts and that was a school that Wynton Marsalis and Bradford Marsalis and Harry Connick, Jr. and Terence Blanchard and all those kinds of musicians went to. Trombone Shorty, Jon Baptiste, Nicolas Payton. When I got there guys like Nicolas Payton... we were in the same class together so that was my introduction to jazz. I had been listening to it in New Orleans, you know, seeing brass bands march down the street and go see my dad and help him bring his drums and set up for gigs. I started playing jazz in 1988 or 1989.

Bem, eu venho de uma família de músicos. O meu pai é baterista, assim como o meu avô. Por outro lado, o meu tio é baixista. Então, eu comecei a tocar bateria por volta dos meus quatro anos de idade e fui a uma escola de música muito popular por aqui chamada “New Orleans Center for

Creative Arts”; escola essa onde estudaram o Wynton Marsalis, o Bradford Marsalis, o Harry Connick, Jr. e o Terence Blanchard, assim como tantos outros artistas do gênero. Para além destes músicos, estudaram também nessa escola o Trombone Shorty, o Jon Baptiste e o Nicolas Payton. Quando comecei a estudar, tive na mesma turma que o Nicholas Payton; digamos que foi essa a minha introdução ao jazz. Desde sempre ouvi esse estilo, ou seja, costumava ver bandas de sopro marchar pelas ruas, assim como ir ver o meu pai e ajudá-lo a trazer e a montar a sua bateria para os concertos. Comecei a tocar jazz em 1988 ou 1989.

BC: Here's a more general question. In the next fifty years, where do you see jazz music going? Does it leave you hopeful or concerned?

Aqui vai uma pergunta mais geral. Nos próximos cinquenta anos, qual é que acha que vai ser o futuro do jazz? Isso deixa-o esperançoso ou preocupado?

AR: It leaves me hopeful. I run a non-profit institution and part of our mission is to preserve the music and educate people about the music and to advance the music. I think as a musician that's something that should be at the top of our list, where we are enabling creativity and bringing the music to the people who are interested in hearing it, so with the rise of jazz educators and young jazz musicians being interested in learning and playing the music, I feel hopeful that we will have an audience for the music because not all students want to be musicians when they come out of school, but they'll have an appreciation for it. I think that's where our future is and that's why people who are at our institution are so much into that because it's about having an appreciation for the music... to keep it alive. Musicians will play their part in keeping it alive. We need to keep educating young people about the music and I think we'll see the return. You know when they get older and they have families and they have jobs and they have disposable income and they can go out and support the music, so I'm hopeful that the music will be doing well and will always be around and I want to play my part to make sure we bring creative music and ideas to the bandstand to keep people interested in what we're doing.

Deixa-me esperançoso. Eu lidero uma instituição sem fins lucrativos e parte da nossa missão é preservar a música e inculcar o gosto pela música nas pessoas, assim como a fazer avançar. Como

músico, acho que isso é algo que deve estar no topo das nossas prioridades, possibilitando a criatividade e levando a música àqueles que estão interessados em ouvi-la. Com o crescimento do número de professores jazz e jovens alunos interessados em aprender e tocar música, sinto-me esperançoso ao saber que teremos uma audiência para a mesma, pois nem todos os estudantes vão querer ser músicos quando saírem da escola, mas terão uma certa apreciação pela música em si. Penso que é aí onde o nosso futuro reside, sendo essa a razão pela qual as pessoas que integram a nossa instituição respiram música, pois no final de contas é ter apreciação pela mesma... a fim de a manter viva. Os músicos vão continuar a desempenhar o seu papel para mantê-la viva. Nós precisamos de continuar a educar as novas gerações no domínio da música e acho que um dia vamos ser compensados. Quando crescerem e tiverem família, assim como emprego e apresentarem rendimento disponível, podem sair e apoiar a música que tanto gostam. Desta forma, tenho fé que a música vai continuar a ser relevante e vai estar sempre por aí, pelo que eu quero fazer a minha parte no que toca a garantir o contínuo aparecimento de música criativa e ideias no coreto da vida, para manter as pessoas interessadas naquilo que estamos a fazer.

BC: Let me introduce my friend, Mariana Oliveira, who has dedicated her young life to music. We have a question for you. We have been playing music our whole lives and have been told we are natural talents. If this is true, how would you suggest we continue to maximize whatever God-given talent we have. Is there a way we can submit audition recordings to music schools in the States and see if our love of music can carry us in that direction? What encouraging and/or cautionary words could you share along those lines? Thank you.

Deixe-me introduzir a minha amiga, Mariana Oliveira, cuja vida até agora foi inteiramente dedicada à música. Temos uma pergunta para si. Temos tocado música durante toda a nossa vida, pelo que nos têm dito que somos talentos natos. Se isso é verdade, qual é a sua sugestão para continuarmos a aprimorar qualquer que seja o talento divino que temos? Há alguma forma de enviarmos gravações de audições para escolas de música nos Estados Unidos e saber se o nosso amor pela música pode levar-nos a essa direção? Que palavras encorajadoras e/ou cautelosas poderia partilhar sobre essa temática? Obrigado.

AR: I definitely think if you're interested in attending an institution in the United States you should apply. I do have relationships with institutions here in New Orleans and also at Berklee College of Music in Boston, but obviously if you're interested in coming to the States and studying you should definitely do that. I think we should have more exchange programs where we have institutions that can bring students from abroad over to the U.S. and I know there are quite a few of them out there, but that's one of the things I would like to activate with my organization. Just to have partnerships with institutions in Europe or overseas to be able to bring musicians and help them get into collegiate schools in the United States. So, I say go for it. There is an application process you have to do like everyone else, but your talent will take you as far as you want to go. Have confidence in that and I think you'll do well.

Definitivamente, penso que se estão interessados em ingressar numa instituição nos Estados Unidos, vocês devem concorrer. De facto, tenho contactos com instituições aqui em Nova Orleães, assim como com a Berklee College of Music, em Boston. Obviamente, se estão interessados em vir para os EUA para estudar, podem e devem fazer isso. Julgo que devíamos ter mais programas de intercâmbio em instituições, que possam trazer alunos do estrangeiro para os Estados Unidos e eu até conheço algumas que o façam, mas essa é uma das coisas que gostava de fomentar com a minha instituição. Para isso, é necessário ter parcerias com instituições europeias ou além-mar, a fim de possibilitar a chegada e a ajuda de músicos nas escolas de música nos Estados Unidos. Desta forma, digo e continuo a dizer: vão a isso. Há um processo de candidatura que vão ter de fazer tal como toda a gente, mas o vosso talento vai levar-vos até onde quiserem. Tenham confiança nisso e penso que se vão dar bem.